

A substituição de materiais de consumo na dinâmica de trabalho do enfermeiro em um hospital cardiológico

Manoela Gomes Grossi

Enfermeira da Educação Continuada – Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia. Especialista em Enfermagem Cardiovascular pelo Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia. Especialista em Gestão em Enfermagem pela Universidade Federal de São Paulo.

Email: manoela_ufscar@yahoo.com.br

Eliana Bittar

Diretora Técnica de Serviço de Saúde (Centro Cirúrgico e Central de Material Esterilizado) – Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia. Mestre em Enfermagem pela USP.

Email: elianabi.fnr@terra.com.br

RESUMO: Os gastos com materiais representam até 25% das despesas hospitalares. O objetivo do estudo é identificar a frequência de substituição dos materiais de consumo na prática diária do enfermeiro, os critérios utilizados, seus efeitos na dinâmica de trabalho do mesmo, além de verificar seu conhecimento sobre gerenciamento de materiais frente a necessidade dessa substituição e quais os materiais mais substituídos. Este é um estudo exploratório descritivo documental, realizado nas unidades de um hospital público cardiológico por enfermeiros assistenciais. Os resultados apontaram: a substituição não ocorre todos os dias, é realizada com critérios específicos e gera problemas na dinâmica de trabalho, provocando desperdício de material. Em relação ao conhecimento do enfermeiro, a maioria não realizou treinamento sobre o tema, tendo visto a temática em disciplina na graduação. Contudo, consideram muito importante o conhecimento e realização de treinamentos. As substituições mais comuns envolveram desde materiais utilizados na prática do cuidado até os de escritório, entre outros. Por fim, os enfermeiros não se consideram aptos para atuarem no gerenciamento dos materiais de consumo nas unidades.

PALAVRAS-CHAVE: Enfermagem. Administração de Materiais no Hospital. Recursos materiais em saúde.

The replacement of consumption supplies in the nursing dynamics work in a cardiology hospital

ABSTRACT: Spending on materials represent up to 25% of hospital costs. The aim of this study is to identify the frequency of replacement of consumption supplies in the daily practice of nurses, the criteria used, their effects on the dynamics of the same work, and check your knowledge of materials management forward the need for such replacement and which more substituted materials. Exploratory, descriptive and documental units developed in a public hospital for cardiac nurses. The results showed: the substitution does not occur every day; it is held with specific criteria and creates problems in the dynamics of work leading to waste of material. In relation to the knowledge of nurses: most are not provided training on the subject, having seen the subject in the undergraduate course. However, nurses consider very important knowledge and training sessions. The materials most commonly replaced involved: materials used in the practice of care, office supplies, among others. Finally, the nurses do not feel able to act in the management of consumption supplies in the units.

KEY WORDS: Nursing. Materials Management in the Hospital. Material Resources in Health.

1. INTRODUÇÃO

Os países desenvolvidos, como Canadá, Estados Unidos, França, Japão e Reino Unido têm aumentado os investimentos em saúde, chegando os EUA a apresentar gastos mais que dobrados entre as décadas de 60 e 90 em relação ao Produto Interno Bruto. Este valor representa um aumento de 144,23% nos gastos em saúde (BOTELHO, 2006).

No Brasil, observa-se um cenário semelhante de crescimento de gastos com a atenção à saúde, mas também existem restrições orçamentárias cada vez maiores. O aumento dos gastos em saúde mantém relação com aspectos como: maior demanda, devido a universalização do acesso à saúde e maior oferta de médicos e serviços de saúde, escassez de mão de obra qualificada, má gestão das organizações de saúde e desperdícios na cadeia produtiva (FRANCISCO; CASTILHO, 2002); envelhecimento da população (ARANHA; VIEIRA, 2004) e, por fim, ao avanço tecnológico que introduziu novos equipamentos, métodos diagnósticos e processos terapêuticos (HADDAD et al., 2007).

A utilização do financiamento do SUS pelas instituições de saúde, incluindo-se os hospitais públicos de administração direta segue legislações vigentes para esse fim, que culminam em limitações em desenvolver atividades de compras, contratos e contratação de recursos humanos. Devido a isso, a mesma pode dificultar a gestão de materiais, foco deste trabalho, necessários para manutenção do adequado funcionamento dos serviços, principalmente, os de maior complexidade já que necessitam de flexibilidade e agilidade (DUARTE, 2009).

A Lei 8.666/93, que institui normas para licitações e contratos da Administração Pública, é caracterizada pela rigidez e elevado controle burocrático, e salienta que alguns especialistas a consideram como um dos principais entraves à melhoria da gestão das aquisições públicas, tornando o processo de previsão extremamente complexo e moroso, o que configura a demora excessiva na finalização de um processo de compra (BRASIL, 1993; CARVALHO, 2005).

É relevante apontar que, nas instituições hospitalares, os gastos com materiais representam, aproximadamente, 15 a 25% das despesas correntes. Logo, os investimentos em estoques constituem grande parte dos custos hospitalares, sendo de extrema relevância seu manuseio adequado, já que atualmente não se admite operações com desperdícios (DALLORA, 2007).

Os processos de previsão, padronização, compras, estocagem, manutenção, distribuição, controle e avaliação dos materiais fazem parte da gestão de materiais de um serviço hospitalar e a qualidade do atendimento prestado a clientela mantém íntima relação com a competência desta gestão (DUARTE, 2005).

Material de consumo é aquele que possui duração prevista para ser consumido em no máximo dois anos (CASTILHO; LEITE, 1991). Vecina Neto e Filho (1998) entendem por material de consumo

os itens estocáveis e os de consumo imediato excluindo os permanentes, móveis, veículos, etc e incluindo todos os demais como medicamentos, gêneros alimentícios, produtos de escritório, de limpeza, de conservação e reparação, radiológicos, reagentes químicos, materiais cirúrgicos, vidraria, etc.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) aponta o enfermeiro como o profissional da área de saúde com o maior potencial para assegurar uma assistência rentável, ou seja, eficaz em função dos custos.

Para Francisco e Castilho (2006, p. 14)

as enfermeiras constituem um nível decisório importante na alocação de recursos, quando decidem em suas unidades de trabalho, as prioridades de seus serviços, decidem quem prestará e quanto tempo será despendido nos cuidados, e quais recursos serão empregados.

Desta forma o enfermeiro por possuir conhecimento das atividades desenvolvidas em sua unidade possui competências para a gestão dos materiais de consumo que estão diretamente ligados a atividades operacionais e, assim, sua gestão é de responsabilidade dos gerentes das unidades assistenciais (DALLORA, 2007).

Logo, o enfermeiro é capaz de realizar a administração de recursos materiais, participando, de todas as fases do processo, já que está intimamente vinculado à prática, a escolha do material a ser utilizado e, principalmente, na identificação de possíveis problemas, propiciando uma assistência rentável (HAUSMANN; PEDUZZI, 2009).

Desta maneira, é de extrema relevância a prática eficiente de gerenciamento dos materiais de consumo, especificamente, frente a necessidade de substituição dos mesmos, pois a ingerência pode gerar diversos problemas como desperdícios, desvios e requisições freqüentes de materiais (MENDES; CASTILHO, 2009).

Em busca de trabalhos científicos, notou-se grande escassez de pesquisas que abordassem a substituição dos materiais de consumo por similares. Assim, o desenvolvimento deste trabalho baseou-se na observação da prática diária durante o percurso profissional realizado em instituições de caráter público, nas quais foi possível perceber que, muitas vezes, ocorre substituição de materiais de consumo devido a falta de materiais, problema freqüente que o profissional de enfermagem lida em seu dia-a-dia.

2 OBJETIVOS

- Identificar a freqüência de substituição dos materiais de consumo e os critérios utilizados pelo enfermeiro para realizar a referida substituição;
- Identificar os efeitos resultantes da substituição de materiais de consumo na dinâmica de trabalho do enfermeiro;
- Verificar o conhecimento do enfermeiro a cerca do gerenciamento de materiais frente a necessidade de substituição de materiais de consumo;
- Identificar as substituições mais comuns de materiais de consumo na prática diária;

3 MÉTODO

O estudo caracterizou-se como exploratório, descritivo e documental. A pesquisa foi realizada em um hospital público governamental especializado em cardiologia, nos seguintes setores: Enfermarias, Pediatria, Unidade de Terapia Intensiva, Pós Operatório, Unidade Coronariana, Pronto Socorro, Serviço a Procura de Órgãos e Tecidos, Ambulatório, Hemodinâmica, Hospital Dia, Centro Cirúrgico e Central de Material Esterilizado.

Como critérios de inclusão adotou-se as Unidades onde eram desenvolvidas atividades de caráter assistencial, como as acima descritas, todos os seus profissionais, que aceitaram participar da pesquisa, e que possuíam 1 ano ou mais de serviço na instituição. Assim, participaram do estudo todos os Enfermeiros Assistenciais dos setores descritos, que totalizavam 100 (cem).

Foram excluídos da pesquisa os enfermeiros de licença médica ou afastamento, aqueles com menos de 1 ano de serviço no instituto e as unidades de caráter administrativo.

O projeto recebeu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa sob protocolo nº 3973. A coleta dos dados se deu no período de Abril a Maio de 2010 através de um questionário previamente elaborado. Inicialmente, foi realizado um pré-teste do questionário, que, posteriormente, foi distribuído aos participantes do estudo.

O questionário é composto por questões abertas e fechadas, que abordam: a caracterização do profissional; a freqüência das substituições de materiais de consumo na prática diária do enfermeiro; a utilização de critérios pelo enfermeiro para realizar a referida substituição; os principais problemas gerados pela substituição dos materiais de consumo na dinâmica do trabalho de enfermagem; se a mesma ocasiona algum desperdício de materiais de consumo; o conhecimento prévio do profissional no gerenciamento dos materiais de consumo, e a relevância que o tema possui para o enfermeiro; os principais materiais de consumo substituídos, além de sua aptidão para gerenciá-los em sua unidade.

A coleta dos dados foi efetuada pela própria pesquisadora, através da abordagem individual a cada enfermeiro, explicando e esclarecendo dúvidas sobre o preenchimento do questionário, para o qual foi estipulado um prazo de até 2 dias para a devolução. Do total de enfermeiros (N=100), 93 (93%) responderam aos questionários, sendo 2 (2%) recusas em participar e 5 (5%) que não devolveram o instrumento.

Os dados foram armazenados em um banco de dados e organizados em planilha eletrônica no formato Excel por intermédio do programa SPSS por Windows, versão 8.0. A análise dos dados utilizou a abordagem quantitativa com base na análise descritiva, para as variáveis qualitativas apresentamos as freqüências absolutas e relativas e tabelas de contingência cruzada.

4 RESULTADOS

Observou-se que 86% dos enfermeiros eram do gênero feminino, 14% masculino, 71% possuíam de 1 a 5 anos de trabalho na instituição, 6,5% de 6 a 10 anos, 14% de 11 a 20 e apenas 8,6% mais de 20 anos. Em relação ao tempo de formação dos enfermeiros: 35,5% possuíam de 1 a 5 anos, 32,3% de 6 a 10 anos, 15,1% de 11 a 20 anos e 17,2% com mais de 20 anos.

Com relação aos cursos de pós-graduação na área Administração hospitalar ou Gerenciamento, 87,1% não realizaram cursos de educação continuada nesta área, sendo que 12,9% já cursaram ou tem o curso em andamento.

Quanto a freqüência de substituição dos materiais de consumo e seus efeitos na prática diária de enfermagem, obtivemos dados de que 67,7% realizaram substituição, porém, nem todos os dias. 11,8% faziam diariamente pelo menos uma troca, 12,9% mais de uma troca diariamente e apenas 7,5% negaram a falta de material de consumo que justifique a necessidade de substituição.

Também identificou-se inicialmente, a utilização pelo enfermeiro de algum critério na escolha do material a ser substituído. Assim, 78,5% relataram utilizar critérios na escolha do novo material, no entanto, 21,5% não lança mão de nenhum critério.

Quanto aos critérios citados destacam-se "custo do material", "similaridade" e "qualidade", citados por 30,1%, 26,9% e 15,1%, respectivamente. Os demais critérios somaram 40,8% e incluem: adaptabilidade, benefício, conforto, desempenho, desperdício, eficácia, eficiência, funcionalidade, praticidade, quantidade e segurança.

Quanto aos problemas decorrentes da substituição dos materiais de consumo na dinâmica do trabalho do enfermeiro, 46,2% consideraram ocorrer quase sempre, 26,9% sempre, 24,7% raramente e 2,2% nunca.

Quando especificados esses problemas, 20,4% dos enfermeiros consideraram que a substituição prejudica a assistência, e interfere na segurança do procedimento realizado junto ao cliente.

A perda de tempo foi citada como problema por 32,3% dos enfermeiros, a elevação do custo por 12,9% e o desperdício por 19,4%, deles.

Os demais problemas levantados somaram 39,8% e incluem: adaptabilidade, aumento da carga de trabalho, conflitos com equipe multiprofissional, dificuldade no controle de materiais na unidade, estresse, insatisfação dos funcionários e utilização de material não preconizado.

Em relação ao desperdício de material, ocasionado pela substituição, tem-se que 55,9% dos enfermeiros consideraram o desperdício ocorrendo QUASE SEMPRE, 25,8% SEMPRE, e 15,10% e 3,2% consideraram RARAMENTE e NUNCA, respectivamente.

Em outra etapa, identificou-se o conhecimento do enfermeiro no gerenciamento dos materiais de consumo, especificamente da necessidade de substituição destes. Assim, 86% dos enfermeiros não realizaram curso ou treinamento sobre o tema, tendo 14% já realizado.

Quanto a abordagem do tema durante a graduação, os enfermeiros relataram: 36,6% tiveram essa temática em forma de disciplina em Administração de enfermagem; 22,6% em forma de aula isolada; 12,9% em cursos extracurriculares de curta duração e 28% nunca teve contato com este tema.

A fim de verificar a necessidade de algum curso referente ao tema acima exposto, tem-se que: 46,2% consideraram MUITO IMPORTANTE a realização de um curso ou treinamento sobre gerenciamento de materiais de consumo; a mesma porcentagem considerou IMPORTANTE; 4% POUCO IMPORTANTE, e apenas 3% INDIFERENTE.

Ainda sobre o tema gerenciamento dos materiais de consumo, 62,4% dos enfermeiros consideraram MUITO IMPORTANTE ter conhecimentos sobre esse tema, 34,4% IMPORTANTE, enquanto que, apenas 2,2% e 1,1% acreditam ser POUCO IMPORTANTE e INDIFERENTE, respectivamente.

Obeve-se também que 57% dos enfermeiros não estavam totalmente seguros para atuar no gerenciamento dos materiais de consumo em sua unidade, 16,1% relataram não estar seguros, contra apenas, 21,5% que se consideraram totalmente seguros. Vale ressaltar ainda, que 5,4% não demonstraram segurança pelo tema, simplesmente, por acreditar que esta não é uma função do enfermeiro.

Para finalizar, foi questionado aos enfermeiros quanto às substituições de materiais de consumo mais comuns na sua prática diária. As respostas obtidas foram agrupadas e revelaram uma infinidade de materiais substituídos, incluindo aqueles utilizados na prática diária do cuidado, como luvas e medicamentos, até os materiais de escritório e outros, como mostra a tabela abaixo.

Tabela 1 - Materiais de consumo substituídos pelos enfermeiros, São Paulo -2012

Adaptador de dieta	Equipo	Impressos	Oxímetro
Agulha	Esparadrapo	Invólucro	Seringa
Almotolia	Extensor de Equipo	Lâmina de Bisturi	Sistema Coletor
Anti-séptico	Fios Cirúrgicos	Lençol	Sondas
Bobina de fax	Fita Crepe	Luva Estéril	Swab Alccólico
Cadarço para Fixação	Fita Microporosa	Luva Não-Estéril	Tala
Catucho para Impressora	Fita para Autoclave	Manquito	Toalha de Banho
Cobertor	Frasco coletor	Material Inalatório	Travesseiro
Curativo	Gaze	Medicamentos	Tubos de coleta
Dispositivos Venosos	Gorro	Método Esterilização	Tinta para impressora
Eletrodo	Grau Cirúrgico		Compressa

5 DISCUSSÃO

O presente estudo analisa os efeitos resultantes da substituição de materiais de consumo e o conhecimento do enfermeiro sobre o gerenciamento de materiais diante dessa necessidade de substituição.

O profissional de enfermagem vivencia com frequência nas instituições de caráter público, principalmente, problemas com falta de materiais de consumo para desempenhar suas atividades junto ao cliente. O estudo dos fatores envolvidos nesta problemática pode auxiliar na melhor compreensão das causas que podem ser de ordem estrutural, organizacional ou mesmo individual (LOURENÇO; CASTILHO, 2007).

Nesta pesquisa verificou-se que a substituição dos materiais de consumo é prática freqüente sempre que existe falta do material de primeira escolha para realização do procedimento. Desta forma, para realizar a escolha do material a ser substituído o enfermeiro lança mão de critérios, que na verdade, avaliam o novo material. A maioria deles demonstra uma preocupação na escolha de um material funcionalmente semelhante, que fisicamente se adapte aos demais materiais utilizados e que alcance o resultado desejado.

Também houve citações referentes à utilização do critério: custo do material, fato relevante, em meio as atuais condições financeiras que salientam a necessidade de maior eficiência na utilização de recursos, principalmente devido a complexidade das práticas assistenciais e o incremento tecnológico (JERICO; CASTILHO, 2010; BONACIN; ARAÚJO, 2010).

Entretanto, a adoção de um ou outro critério de avaliação é realizada de maneira assistemática e empírica, partindo de uma percepção individual que leva em conta a vivência de cada profissional. Assim, a utilização dos materiais fica a critério do conhecimento e habilidades profissional podendo ocorrer o mau uso do material.

Um estudo realizado em UTI neonatal, que objetivou entre outros, quantificar o uso indevido de materiais de consumo, revelou um volume e valor de gastos impróprios na utilização de materiais advindos de uso irracional, improvisos, além de falhas no manuseio pelos profissionais (LOPES; DYNIEWICZ; KALINOWSKI, 2010).

A construção do conhecimento de enfermagem tem emergido do processo dirigido e vivenciado pelos enfermeiros no cotidiano do trabalho, onde a criatividade de improvisar muitas vezes é necessária (LUCENA et al., 2006). No entanto, é preciso discernimento e criticidade ao desenvolver tais práticas. Não desejamos criticar os métodos de trabalho, ao contrário, acreditamos que o cotidiano é um palco rico para produção de conhecimentos e a base para construção de pesquisas baseadas em práticas que vão muito além do improvisos.

Apenas consideramos cada vez mais necessário e imprescindível que o enfermeiro potencialize sua prática no conhecimento produzido pela comunidade científica. Desta forma, o enfermeiro deve integrar

as atividades de pesquisa e assistência, agregando conhecimento, eficiência e eficácia ao cuidado de enfermagem (SILVA et al, 2009; PAIM et al, 2010).

Para os enfermeiros que referem não utilizar critérios no momento de substituir os materiais de consumo, salienta-se que nas buscas em literatura não encontramos referências de normatizações sobre o assunto. Há estudos voltados para a gestão dos serviços públicos que tratam como um de seus conteúdos a Gestão de Materiais. Entretanto, nenhum aborda com especificidade o problema da escassez de materiais de consumo, a necessidade de substituição e seu entorno.

Como parte integrante do processo de enfermagem, o “Gerenciar” ou “Administrar” “tem como objeto os agentes do cuidado e os recursos empregados no assistir em enfermagem” (SANNA, 2007).

É, portanto função do enfermeiro o gerenciamento de materiais, afinal “para prestar cuidado ao usuário, dentre outras, há necessidade de prover materiais adequados” (LOPES; DYNIEWICZ; KALINOWSKI, 2010).

Ainda neste caminho, a administração de recursos materiais é foco de atenção nos hospitais em vista dos problemas de má utilização de insumos e desperdícios (INFANTE; SANTOS, 2007) levando a necessidade de controle de tais recursos.

Dado relevante, principalmente, se lembrarmos que os recursos humanos e financeiros juntos constituem a base de sustentação do hospital. Cresce assim, a necessidade de aquisição de conhecimentos e compromisso dos enfermeiros das unidades em administrar os recursos materiais buscando racionalizar o dispêndio de recursos, promovendo o equilíbrio entre recursos financeiros e a assistência qualificada (LOPES; DYNIEWICZ; KALINOWSKI, 2010).

Além de freqüente, a substituição de materiais ocasiona problemas na dinâmica de trabalho do enfermeiro, segundo a maioria dos enfermeiros. Como já evidenciado, os problemas são inúmeros, no entanto, vale ressaltar aqueles relacionados diretamente a assistência de enfermagem, como “perda de tempo”, “interfere na assistência” e “redução da qualidade”.

Interferem diretamente na dinâmica de trabalho do enfermeiro, à medida que gastam maior tempo para encontrar e selecionar um novo material no lugar daquele ausente, ou utilizam um material pouco adequado para a atividade, impactando na qualidade do cuidado prestado.

Pesquisas sobre o tema revelam que os recursos materiais também foram citados como fonte de desgaste e obstáculos para o cuidado junto ao cliente (SOUZA. FERREIRA, 2010), além de causarem estresse na equipe multiprofissional podendo gerar danos ao paciente (LOURENÇO; CASTILHO, 2007). Além disso, a falta de material é problema comum nos serviços públicos gerando impacto negativo sobre a imagem do profissional frente a comunidade (INFANTE; SANTOS, 2007).

Problemas como “elevação do custo” e “desperdício” também foram citados. Desta forma, se faz relevante o enfermeiro ter conhecimentos de custos a fim de controlar, essencialmente, a etapa final do gerenciamento de materiais que é a sua utilização evitando o desperdício, tendo em vista as dificuldades atuais na contenção da expansão dos gastos nos sistemas de saúde (REZENDE; CUNHA; BEVILACQUA, 2010).

Em se tratando especificamente sobre o desperdício, nosso estudo obteve resultados que vão de encontro com achados da literatura, já que a maioria dos enfermeiros considera que a substituição dos materiais de consumo gera desperdício de material (OLIVEIRA; CHAVES, 2009).

O conceito de desperdício envolve o mau uso do material, sendo todo consumo de produtos e insumos de forma não eficiente e não eficaz, envolvendo desde materiais defeituosos até a realização de atividades desnecessárias (OLIVEIRA; CHAVES, 2009).

A preocupação com o combate ao desperdício não é recente. Assim há muito tempo é uma preocupação dos administradores conter os desperdícios em suas cadeias produtivas, sendo uma característica encontrada já nos primeiros modelos de administração, como no taylorismo e no fordismo. Trata-se de uma questão de tamanha relevância, que permanece ainda hoje como um desafio para os novos modelos de gestão adotados por empresas, incluindo os hospitais (BERNARDINO, 2007).

As instituições hospitalares vivenciam um contexto de busca constante pela excelência. Considerando sua influência cada vez mais relevante na economia e sua clientela mais exigente, a qualidade na prestação de serviços tornou-se meta principal (BALSANELI; JERICÓ, 2005; ROCHA; TREVISAN, 2009).

Em meio a recursos financeiros escassos, custos cada vez maiores, evolução da tecnologia médica entre outros fatores, o setor saúde despertou para a Qualidade ainda nos anos 80. Uma década após, é adotado

então no Brasil um modelo gerencial denominado: Gerenciamento da Qualidade Total ou ainda Gestão da Qualidade Total (GQT.), lembrando que em outros países foi utilizado na indústria já a partir da Segunda Guerra Mundial (PAIVA et al., 2010).

Desta forma, conforme trazem Antunes e Trevisan (2000, p. 36) o Gerenciamento da Qualidade Total é definido como

um processo através do qual se busca implantar a filosofia da Qualidade Total, cuja principal finalidade é a melhoria contínua dos produtos ou serviços, pelo aprimoramento do trabalho dos diversos membros e de todas as áreas da organização.

Salientam ainda, que o modelo considera o envolvimento e comprometimento dos indivíduos em busca da redução do desperdício através da utilização adequada dos recursos. Assim, a instalação de programas de qualidade prevê a satisfação de todos os envolvidos: colaboradores, fornecedores e clientes (ANTUNES; TREVISAN, 2000).

Atento ainda para a questão do desperdício de material

adotar um Programa de Qualidade Total significa também buscar melhorias contínuas no atendimento, na redução de custos, na diminuição de prazos e de desperdícios, e, conseqüentemente na eliminação de erros (TAJRA, 2006, p. 7).

Esta ambição será alcançada somente se os atores do processo, que lidam diariamente com os materiais de consumo, consolidarem suas ações no conhecimento do processo de gestão de materiais.

Em relação ao conhecimento do enfermeiro sobre o gerenciamento dos materiais de consumo diante da necessidade de substituição, observamos que a maioria nunca realizou nenhum treinamento sobre o tema, apesar de considerar importante.

Entretanto, os enfermeiros reconhecem a importância em buscar conhecimentos na área de gestão de materiais. Isto porque as ações e decisões pautadas no conhecimento aliado experiência pessoal possuem maior chance de atingir os resultados e metas propostos.

Estes resultados vão de encontro com os obtidos em outras pesquisas, nas quais os enfermeiros apontaram como suas funções: aquisição de materiais, previsão de estoque, acompanhamento do uso, além de prevenir perdas e evitar que a equipe use materiais de forma inadequada (OLIVEIRA; CHAVES, 2009).

Mediante a necessidade em ampliar os conhecimentos de gestão de materiais, lançamos a possibilidade de inclusão deste tema nos programas de treinamentos adicionais. Assim, junto a diversos outros temas abordados, o enfermeiro pode conhecer a logística e o fluxo de compra, estocagem, utilização e controle dos materiais da referida instituição.

Observou-se ainda que o tema gerenciamento de materiais e necessidade de substituição foi tratado na disciplina de Administração de enfermagem na graduação. Vale salientar, que as diretrizes curriculares que orientam o curso de graduação em enfermagem trazem como competências: atenção à saúde, tomada de decisão, comunicação, liderança, administração e gerenciamento e educação permanente (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2001; BERNARDINO, 2007).

Como bem trazem Peres e Ciampone (2006) das seis competências acima descritas, cinco são competências gerenciais. Porém, o que desejamos salientar não é este fato. Ao contrário, sendo o tema gerenciamento de materiais de consumo parte integrante do conteúdo de Administração em enfermagem, é esperado que os enfermeiros tenham realmente estudado o assunto na graduação.

Porém, apesar deste fato, os mesmos não se consideram totalmente aptos a atuarem mediante a necessidade de substituição dos materiais em suas unidades. Somado a isso, não realizam cursos sobre o tema, o que aponta para a real chance de contarmos, no momento do presente estudo, com enfermeiros despreparados para gerenciar os materiais de consumo.

Finalizando, buscamos compreender se o custo do material selecionado na substituição apresenta variações. Para exemplificar, foram escolhidas sete substituições relatadas pelos enfermeiros. Selecionamos apenas aquelas referentes aos itens do questionário que indicam substituição diária do produto, garantindo assim que a troca ocorre diariamente.

A tabela 2 revela que existe diferença de custo conforme o material selecionado, além de desperdício de material, como na utilização de soro fisiológico de 500ml devido a ausência do frasco de 250ml. Mas o que desejamos ressaltar é o impacto financeiro gerado por uma escolha tida como simples no cotidiano

do trabalho. Atentando para os valores referentes a diferença do preço, observamos que a prática da substituição resultou em um custo de até mil vezes maior.

Consideramos um aumento muito importante nos gastos da instituição tornando-se um impacto ainda mais representativo em um cenário, no qual a preocupação atual é o controle dos custos para utilizar os recursos públicos de forma eficiente (BONACIM; ARAUJO, 2010).

Ao contrário de paradigmas sobre a despreocupação com a utilização de recursos no setor público, observamos atualmente a busca de novos modelos de gestão pública capazes de mensurar custos, como o Sistema de Informação de Custos do Governo Federal, priorizando a oferta de serviços qualificados, evitando desperdícios e o mal uso do dinheiro público (MACHADO; HOLANDA, 2010). Esta iniciativa salienta além do controle dos gastos, a ênfase na qualidade do gasto (REZENDE; CUNHA; BEVILACQUA, 2010).

Assim, os profissionais da saúde devem reexaminar suas ações baseadas nos benefícios e custos, propiciando implementação efetiva de intervenções sustentáveis (SECOLI et al., 2010).

Tabela 2 – Principais substituições de materiais de consumo, São Paulo -2012

Material Original	Equipo Macrogotas	Equipo Macrogotas	Equipo Macrogotas	Equipo Macrogotas	Soro Fisiol. 250ml	Seringa 10 ml	Luva Procedimento
Material substituto	Equipo BIC Marca A	Equipo BIC 2 Marca B	Equipo Fotossensível Marca C	Equipo Fotossensível Marca D	Soro Fisiol. 500ml	Seringa 20 ml	Luva Estéril
Substituições diárias	9	9	9	9	2	4	5
Preço unitário material original	1,74	1,74	1,74	1,74	1,59	0,18	0,064
Preço unitário material substituto	9,5	19,5	13,8	22,1	1,84	0,22	0,5
Diferença de preço	7,76	17,76	12,06	20,36	0,25	0,04	0,436
Diferença de preço (%)	445,98%	1020,69%	693,10%	1170,11%	15,72%	22,22	681,25

Em meio a estes dados, reforçamos a relevância do papel do enfermeiro no gerenciamento dos recursos materiais, conhecimento de recursos financeiros e custos hospitalares. Somente assim, será estabelecido o compromisso com a eficiência e eficácia na gestão e no controle de custos, como ferramentas fundamentais para solução dos problemas.

6 CONCLUSÃO

A realização deste estudo proporcionou maior conhecimento do entorno da substituição dos materiais de consumo. Verificamos que a mesma é uma prática freqüente realizada pelos enfermeiros na ausência dos materiais ideais. Assim, para realizar a escolha do novo material o enfermeiro lança mão de critérios que em geral demonstram preocupação com a segurança do cliente e com os custos hospitalares.

No entanto, alguns profissionais não utilizam critério algum no momento da escolha do novo material, e a pesar não existirem padrões regulamentando tal prática, todas as ações de cuidado desenvolvidas junto ou para o cliente devem ser precedidas de raciocínio e decisões críticas.

Quanto ao conhecimento no gerenciamento dos materiais de consumo e sobre a substituição dos mesmos, verificou-se que o enfermeiro nunca realizou cursos ou treinamentos sobre o tema, apesar de considerar importante tal prática. Também apontou como relevante ter conhecimento sobre o gerenciamento dos materiais. O tema também foi abordado ainda na graduação, para a maioria dos enfermeiros.

Entretanto, os enfermeiros não se consideram aptos para atuarem no gerenciamento e substituição dos materiais de consumo em suas unidades. Além disso, verificamos que a prática da substituição dos materiais ocasiona maior gasto com o novo material escolhido. Assim, gera maior ônus a instituição, seja por problemas de ordem institucional ou individual.

Para finalizar, salientamos a necessidade de mais estudos sobre o tema, visto a escassez de pesquisas específicas sobre a abordagem da substituição dos materiais de consumo na prática diária do enfermeiro.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES A.V., TREVIZAN, M.A. Gerenciamento da qualidade: utilização no serviço de enfermagem. **Rev. Latino-am. Enfermagem**, v.8, n.1, p.35-44, 2000.
- ARANHA, G.T.C., VIEIRA, R.W. Estudo de um dos indicadores do custo da qualidade: o desperdício. **Revista de Administração em Saúde**, v.6, n. 23, 2004.
- BALSANELLI, A.P., JERICÓ, M.C. Os reflexos da gestão pela qualidade total em instituições hospitalares brasileiras. **Acta Paulista Enfermagem**, v.4, n.18, p.397-402, 2005.
- BERNARDINO, E. Mudança do modelo gerencial em um hospital de ensino: a reconstrução da prática de enfermagem. 2007. 172p. Tese (Doutorado) – Programa Interunidades de Doutorado em Enfermagem dos Campi de São Paulo e Ribeirão Preto da USP. São Paulo, 2007.
- BONACIM, C.A.G., ARAUJO, A.M.P. Gestão de custos aplicada a hospitais universitários públicos: a experiência do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP. **Revista de Administração Pública**, v.44, n.4, p.903-31, 2010.
- BOTELHO, E.M. **Custeio baseado em atividades – ABC: uma aplicação em uma organização hospitalar universitária**. 2006. 340p. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- BRASIL. Lei Federal nº 8.666, de 21.06.93, atualizada pelas Leis nº 8.883, de 08.06.1994; nº 9.648, de 27.05.1998 e nº 9.854, de 27.10.1999.
- BRASIL. Ministério da Educação (BR), Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES n 3 de 09 de novembro de 2001.
- CARVALHO, P. C.S. Política de compras na administração pública brasileira. In: RHS Licitações — *Conteúdo*. 2005. Disponível em: <<http://licitacao.uol.com.br/artdescricao.asp?cod=59>>. Acesso em: fevereiro 2010.
- CASTILHO, V, LEITE, M.M.J. **A administração de recursos materiais na enfermagem**. In: Kurcgant P. Administração em enfermagem. São Paulo (SP): EPU; 1991. p. 73-88.
- CONSEJO INTERNACIONAL DE ENFERMERAS (CIE). La calidad, los costos y la enfermería. [Presentado en el Día Internacional de La Enfermera; 1993 mayo 12; Geneva].
- DALLORA, M.E.L.V. Gerenciamento de custos de material de consumo em um hospital de ensino. 2007. 103p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, São Paulo, 2007.
- DUARTE, I.G. Características dos modelos de gestão das organizações sociais contratadas pela Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo para o gerenciamento de hospitais. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Coordenadoria de Controle de Doenças da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. São Paulo, 2009.
- FRANCISCO IMF, CASTILHO V. A enfermagem e o gerenciamento de custos. **Rev Esc Enferm USP**, v.36, n.3, p. 240-4, 2002.
- FRANCISCO, I.M.F., CASTILHO, V. A inserção do ensino de custos na disciplina administração aplicada à enfermagem. **Rev. esc. enferm USP**, v.38, n.3, 2006.
- HADDAD, N, BITTAR, E, MARCHI, A.F, KANTOROWITZ, C.S.V., AYOUB, A.C., FONSECA, M.L. et al. Custos hospitalares da cirurgia de revascularização do miocárdio em pacientes coronarianos eletivos. **Arq. Bras. Cardiol**, v.88, n.4., p. 418-423, 2007.
- HAUSMANN, M, PEDUZZI, M. Articulação entre as dimensões gerencial e assistencial do processo de trabalho do enfermeiro. **Texto contexto – enferm**, v.8, n.2, 2009.
- INFANTE, M, SANTOS, M.A.B. A organização do abastecimento do hospital público a partir da cadeia produtiva: uma abordagem logística para a área de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.12,n.4, p. 945-954, 2007.
- JERICO, M.C., CASTILHO, V. Gerenciamento de custos: aplicação do método de Custeio Baseado em Atividades em Centro de Material Esterilizado. **Rev Esc Enferm USP**, v.44,n.3, p.745-52, 2010.
- LOPES, L.A., DYNIEWICZ, A.M., KALINOWSKI, L.C. Gerenciamento de materiais e custos hospitalares em uti neonatal. **Cogitare Enferm**, v.15, n.2., p.278-85, 2010.
- LOURENÇO, K.G., CASTILHO, V. Nível de atendimento dos materiais classificados como críticos no Hospital Universitário da USP. **Rev Bras Enferm**, v.60, n.1, p.15-20, 2007.
- LUCENA, A,F, PASLULIN, L.M.G, SOUZA, M.F., GUTIERREZ, M.G.R. Construção do conhecimento e do fazer enfermagem e os modelos assistenciais. **Rev. Esc Enferm USP**, v.40, n.2, p.292-8, 2006.

- MACHADO, N, HOLANDA, V.B. Diretrizes e modelo conceitual de custos para o setor público a partir da experiência no governo federal do Brasil. **Revista de Administração Pública**, v.44, n.4, p.791-820, 2010.
- MENDES KGL, CASTILHO V. Determinação da importância operacional dos materiais de enfermagem segundo a Classificação XYZ. **Rev Inst Ciênc Saúde**, v.27, n.4, p. 324-9, 2009.
- OLIVEIRA NC, CHAVES LDP. Gerenciamento de recursos materiais: o papel da enfermeira de unidade de terapia intensiva. **Rev. Rene. Fortaleza**, v.10, n.4, p.19-27, 2009.
- PAIM L, TRENTINI M, SILVA DGV, JOCHEN AA. Desafios à pesquisa em enfermagem. **Esc Anna Nery Rev Enferm**, v.14, n.2, p.386-90, 2010.
- PAIVA SMA, SILVEIRA CA, GOMES ELR, TESSUTO MC, SARTORI NR. Teorias administrativas na saúde. **Rev. enferm. UERJ**, v.18, n.2, p.311-6, 2010.
- PERES AM, CIAMPONE MHT. Gerência e competências gerais do enfermeiro. **Texto Contexto Enferm**, v.15, n.3, p.492-9, 2006.
- REZENDE F, CUNHA A, BEVILACQUA R. Informações de custos e qualidade do gasto público: lições da experiência internacional. **Revista de Administração Pública**, v.44, n.4, p.959-92, 2010.
- ROCHA, E.S.B., TREVIZAN, M.A. Gerenciamento da qualidade em um serviço de enfermagem hospitalar. **Rev Latino-am Enfermagem**, v.17, n.2, 2009.
- SILVA, M.J.P.; EGRY, E.Y.; ÂNGELO, M; BARBOSA, M.A.M., SOUSA, R.M.C.; CASTILHO, V. ET AL. Produção do conhecimento em Enfermagem: da idéia da pesquisa à publicação em periódico qualificado. **Rev Esc Enferm USP**, v.43, n.2, p.1347-51, 2009.
- SANNA, M.C. Os processos de trabalho em Enfermagem. **Rev Bras Enferm**, v.60, n.2, p.221-4, 2007.
- SOUZA KMO, FERREIRA SD. Assistência humanizada em UTI neonatal: os sentidos e as limitações identificadas pelos profissionais de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.15, n.2, p.471-80, 2010.
- SECOLI. S.R., NITA, M.E., ONO-NITA, S.K., NOBRE, M. Avaliação de tecnologia em saúde. II. A análise de custo-efetividade. **Arq Gastroenterol**, v.47, n.4, 2010.
- TAJRA, S.F. Gestão Estratégica na saúde – reflexões e praticas para uma administração voltada para a excelência. São Paulo: Iátria, 2006 1ª.ed.
- VECINA, N.G.; FILHO, WILSON, R. Gestão de Recursos Materiais e de Medicamentos, volume 12; São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 1998. – (Série Saúde & Cidadania).